

## DEPOIMENTO

### UMA EXPERIÊNCIA NA ESCANDINÁVIA

Norma Seltzer Goldstein<sup>1</sup>

**U**m convênio entre a Universidade de Oslo e a Universidade de São Paulo previa que, em abril de 1997, um curso de Português seria ministrado por docente brasileiro naquela instituição. Convidada para a tarefa, senti-me feliz em representar a área de Filologia e Língua Portuguesa da USP na Noruega. A viagem foi ampliada para os países vizinhos, pois as Universidades de Aârhús, na Dinamarca, e de Estocolmo, na Suécia, tinham interesse em palestras de pesquisadores de nossa universidade.

Fiquei vinte dias na instituição norueguesa e fiz rápida passagem pelas outras duas. A experiência foi muito rica, por isso creio que vale a pena relatá-la.

Devo registrar, ainda que rapidamente, o quanto Oslo é ao mesmo tempo tranqüila e cosmopolita: são elogiáveis a limpeza, o transporte público – com degraus baixos para facilitar o acesso a carrinhos de bebê e cadeiras de roda –, a justiça social; são ricos e variados os museus e espetáculos; é muito cordial a acolhida dos colegas do Instituto de Estudos Clássicos e Românicos, na estação Blinden do metrô, onde o professor visitante encontra sua mesa abastecida com diversos tipos de papel, caneta e envelope, numa sala com dois computadores, tendo ainda acesso à sala do fax e à do xerox.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo

*Depoimento.*

A Universidade de Oslo tem cursos de Português há mais de duas décadas. Em princípio, os estudantes de qualquer curso poderiam optar por Português, pois o aluno tem a possibilidade de montar seu próprio *currículum*. Na época em que lá estive, no entanto, o interesse parecia concentrado no próprio departamento. O pequeno grupo que acompanhei declarou que pretendia se inscrever, posteriormente, em outra língua românica.

Os alunos de “minha” turma falavam e entendiam Português bastante bem, após dois anos de estudo, em média. No início, estranharam um pouco meu modo “brasileiro” de falar, porque estão mais acostumados à prosódia de Portugal. Depois se habituaram e o curso previsto para durar 16 horas/aula acabou sendo estendido para 18 horas/aula. Houve ainda colóquios individuais ou em duplas, como apoio para a preparação do exame final, marcado para o final do mês de maio.

O programa centrou-se na linguagem literária de alguns autores modernistas: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Clarice Lispector. Não conhecendo a biblioteca de lá – que, depois, pessoalmente, descobri ser ótima –, enviei, três meses antes, cópias dos textos que pretendia analisar, bem como de alguns ensaios teóricos que embasariam o curso, a fim de serem lidos com antecedência.

Logo no primeiro contato, percebi que os alunos tinham esses textos e que os haviam lido. No entanto, restava muito a esclarecer e aprofundar. Foi o que procurei fazer. Se uma palavra pudesse resumir meu trabalho, ela seria “leitura”. As dificuldades com a língua propriamente dita eram mínimas, mas e o contexto? As especificidades do português do Brasil? Os traços culturais do país, direta ou indiretamente presentes nos poemas e narrativas? Foi preciso tratar de vários aspectos, essenciais na obra dos “clássicos” analisados, sem os quais elas não poderiam ser bem compreendidas. Cito dois exemplos, um deles relacionado à poesia e outro, à ficção.

1) As **marcas da oralidade** e a **variante coloquial** da linguagem, freqüentes em nossa poesia modernista:

No poema *Irene no céu*, de *O ritmo dissoluto*, de Manuel Bandeira, São Pedro convida: *Entra, Irene, você não precisa pedir licença*. (BANDEIRA, M. 1966, p.125). A mescla de “tu” e “você” situa a Irene do poema e do título num universo afetivo que a torna próxima do leitor. O tom não é solene, mas de conversa informal, o que é lingüisticamente marcado pela opção sintático-morfológica do poeta.

Em *Belo belo*, o poema *O bicho* traz uma triste descrição: *O bicho não era um cão,/ Não era um gato,/ Não era um rato.// O bicho, meu Deus, era um homem*. (BANDEIRA, M., *O.C.*, p. 196) O tom de oralidade e o coloquialismo do apelo situam a cena como evento comum na vida dos que observam a nossa realidade. É importante salientar esse traço, tão distante da realidade norueguesa, onde as diferenças entre as classes sociais são muito pequenas.

No livro *Alguma poesia*, Drummond publicou um poema antológico, caracterizado pela reiteração de um verso, em que o verbo “haver” é coloquialmente substituído por “ter”. Transcrevo a primeira estrofe:

No meio do caminho *tinha* uma pedra  
*tinha* uma pedra no meio do caminho  
*tinha* uma pedra  
no meio do caminho *tinha* uma pedra. (ANDRADE, C. D., 1964, p. 61)

Por que “ter” por “haver”? A *pedra* metaforiza um obstáculo, do mesmo modo que a construção sintática do texto, cujo verso 3 permite três leituras (acoplado ao anterior, ao posterior ou independentemente). De que tipo de obstáculo se trata? A opção lexical pela variante coloquial aponta um obstáculo comum que qualquer cidadão enfrenta, inevitavelmente, no seu cotidiano. E que, como o verso 3 sugere, é contornado por um lado, pelo outro ou, colocado *no meio do caminho*, pode impedir a passagem (CANDIDO, A., 1970).

No mesmo livro, o *Poema de sete faces* conclui em tom de conversa, com estes versos: *Eu não devia te dizer/ mas essa lua/ mas esse*

Depoimento.

*conhaque/ botam a gente comovido como o diabo.* (ANDRADE, C. D., O.C., p.53) O tom coloquial retorna, enfatizando as pequenas alegrias da vida, tão presentes na produção literária do Modernismo.

2) O contraste entre **os cenários** dos dois ficcionistas estudados parece ser determinante do estilo de cada obra. Em *Vidas secas*, a dureza da paisagem e do sistema condenam a família de tantos *Fabianos* à exclusão social, tornando-os incapazes de se comunicar verbalmente. No conto *Cem anos de perdão*, de Clarice Lispector, o universo urbano é ordenado, tem casas, jardins, pomares e nele as personagens infantis circulam sem medo. Ainda que, nas duas obras, as crianças tenham características comuns – o hábito de brincar e a capacidade de se encantar com alguma coisa –, o mundo que as cerca é diametralmente oposto, resultando em marcas lingüísticas e estilísticas específicas. Citações dos dois autores ilustram o processo.

Em Graciliano, os dois pequenos observadores mantêm-se distanciados do que vêem, temerosos diante do mundo exterior que sequer sabem nomear. O narrador em terceira pessoa verbal revela o *menino mais novo* e o *menino mais velho* de *Vidas secas*, empregando o **discurso indireto livre** para desvendar-lhes os pensamentos, quando eles ficam deslumbrados com a *Festa* de natal na vila: *Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas [...]. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. [...]. Como podiam os homens guardar tantas palavras? ...* (RAMOS, G., 1986, p. 84)

Em Clarice Lispector, o **foco narrativo em primeira pessoa** apresenta a voz da narradora-personagem evocando um episódio de sua infância. O mundo exterior está próximo da criança e a menina se comporta com ousadia, vivendo uma experiência estética e sensorial: *... Até chegar à rosa, foi um século de coração batendo. // Eis-me afinal*

*diante dela. **Paro** um instante, porque de perto ela ainda é mais linda. Finalmente, começo a lhe quebrar o talo, arranhando-me com os espinhos e chupando o sangue dos dedos. /.../ O que é que eu fazia com a rosa? Fazia isso: ela era **minha** /.../ Foi tão bom. // Foi tão bom que simplesmente **passei a roubar rosas.** /.../ Também **roubava** pitangas. /.../ Mas pitangas são frutas que se escondem; eu não **via** nenhuma. /.../ eu **metia** a mão por entre as grades, **mergulhava-a dentro da sebe e começava a apalpar até meus dedos sentirem o úmido da frutinha.** ... (LISPECTOR, C., 1984, p.18)*

Como o diálogo com os universitários foi contínuo, ao longo de três semanas, o olhar interrogativo deles, várias vezes, levava-me a perceber uma dúvida. Eu estava sendo entendida? Sim e não. Sim, se a pergunta se referisse aos dois eixos da língua, o lexical / paradigmático e o sintático / sintagmático. Não, se se pensasse no texto como um todo e na formação discursiva daqueles jovens. Para a leitura competente dos textos propostos, foi preciso também abordar os aspectos textuais e os discursivos.

Diz a canção de Caetano Veloso: *Minha pátria é minha língua.* Concordo plenamente. O “pacote” *Curso de Português do Brasil*, é inevitavelmente acompanhado pelo “pacote” *Valores culturais do Brasil*. Por mais que se esteja teoricamente preparado para essa situação, é surpreendente vivê-la na prática.

Tenho acompanhado as publicações teóricas voltadas para o estudo do texto, há muitos anos: dos procedimentos da *analyse de texte* e do *new-criticism* dos anos 50, às correntes mais recentes da *análise do discurso* e da *lingüística textual*, passando pelas *teorias formais e estruturalistas* dos anos 60 e 70, em suas várias vertentes. Foram muitas as oportunidades que tive de refletir sobre a multiplicidade de aspectos do texto. Nenhuma delas me pareceu tão impactante quanto a experiência de trabalho na Universidade de Oslo.

De modo menos forte uma palestra é apenas um contato rápido e passageiro –, tive a mesma percepção, na Universidade de Aãrhus – onde

*Depoimento.*

falei sobre *Linguagem e estilo na poesia de Bandeira e Drummond* –, e na de Estocolmo – onde tive oportunidade de fazer duas conferências: a primeira, estabelecendo um paralelo entre nossas *Canções do exílio, do Romantismo e do Modernismo*; e a segunda, sobre a *Linguagem e estilo da literatura modernista brasileira*. Ao notar a forma como estava sendo compreendida, logo após o início da fala, reduzi o conteúdo do que apresentaria, para dedicar mais tempo à leitura, comentário e análise dos textos literários.

Os alunos estrangeiros conseguem aprender Língua Portuguesa? Se considerarmos todas as variantes dela, a resposta se torna complexa; e se pensarmos em todos os aspectos do texto – os gramaticais, os textuais e os discursivos –, a complexidade se amplia ainda mais. Para uma resposta plena, seria necessário um projeto pedagógico e político amplo, com intenso intercâmbio acadêmico e muita reflexão sobre os “pacotes” que, a médio prazo, os professores visitantes das universidades brasileiras levarão na sua bagagem.

E eles, como podem retribuir? Ainda em 1997, a USP estará recebendo três visitas escandinavas: em agosto, o Prof. Lars Fant; em novembro, os Professores Kåre Nielsen e o Jorgen Schmitt Jensen, respectivamente das Universidades de Estocolmo, Oslo e Aalborg. A presença deles deve propiciar uma reflexão complementar à precedente, no sentido de se estabelecer de que modo esses visitantes podem contribuir para difundir conhecimento entre nossos pesquisadores e se tornar seus interlocutores permanentes.

Há muito a ser pensado, planejado, executado. Seria importante que a universidade brasileira não perdesse a oportunidade de desempenhar o papel que lhe cabe, nessa região da Europa.

São Paulo, julho de 1997

#### BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, C. D. de (1964) *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar.

*Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 273-279, 1998.

BANDEIRA, M. (1986) *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro, Liv. Ed. José Olympio.

CANDIDO, A. (1970) *Inquietudes na poesia de Drummond*. In *Vários escritos*. São Paulo, Livraria Duas Cidades.

LISPECTOR, C. (1984) *Cem anos de perdão*. In *Para gostar de ler número 9*. São Paulo, Ática.

RAMOS, G. (1986) *Vidas secas*. Rio / São Paulo, Record.